

Os Shmoos e a Realidade Norte-americana

Um pouco da história de um dos personagens mais carismáticos criado nos quadrinhos

As histórias em quadrinhos são responsáveis pela idealização de muitos personagens maravilhosos e até mesmo inacreditáveis. Mas, provavelmente, em termos de inventividade, nenhum ainda conseguiu ultrapassar os Shmoos, surgidos na mente criativa de Alfred Gerald Caplin, ou simplesmente Al Capp, em 1948.

Tratavam-se de estranhos seres, mais ou menos semelhantes a um pino de boliche com ventre saliente e pernas curtas. Eram pequenos e não tinham braços nem mãos. Graciosos, sim, mas ao mesmo tempo com potencial de representar uma grande ameaça aos pilares da sociedade capitalista norte-americana, naquele tempo ainda mais zelosa de suas prerrogativas como ordenadora do universo conhecido. Era o início da Guerra Fria, a época de recrudescimento da caça às bruxas nos Estados Unidos (por “bruxas” entenda-se todos aqueles que se imaginava possuírem motivações antiamericanas...).

Eles surgem inesperadamente nas tiras diárias de *Ferdinando* (no original, *Li'l Abner*). Esta série em quadrinhos, por si mesma, representou uma das maiores sátiras feita à sociedade norte-americana desde que esse meio de comunicação de massa foi instituído. Nos quadrinhos de *Ferdinando*, os valores mais sagrados a essa sociedade foram colocados em pauta: a constituição da instituição familiar, que deixava de se concretizar na forma de cartola, véu e grinalda para se transformar no resultado de uma corrida em que as mulheres perseguiam os homens e adquirissem a posse daqueles que eventualmente conseguissem agarrar, no chamado Dia da Maria Cebola (Sadie Hawkins' day); o amor ao país, expresso no patriotismo ingênuo de Ferdinando, que via no governo dos Estados Unidos o detentor da palavra suprema personificando o ideal de um mundo submisso e entusiasmado com as forças constituídas; o matriarcado norte-americano, expresso na figura da velha Xulipa Buscapé (Mammy Yokum), que resolvia todas as dificuldades com o uso da força bruta e da violência e orgulhosamente declarava jamais haver beijado outro homem a não ser Lúcifer (Pappy Yokum), seu velho e imprestável marido. E toda uma extensa galeria de personagens que simbolizavam as diversas instituições daquela sociedade conservadora.

É nesse contexto, no microcosmo contido no vilarejo de Brejo Seco (Dogpatch) e suas cercanias, em algum ponto perdido no interior dos Estados Unidos, que surgem os Shmoos. Seres que satisfazem todas as necessidades de sobrevivência da humanidade: não se alimentam, são totalmente aproveitáveis, tanto para alimentação como para vestuário e lazer da população, reproduzem-se com extrema facilidade e, desta forma, garantem a perpetuação de sua própria espécie (e a eterna satisfação das necessidades humanas).

É neste ponto que interfere a verve satírica do criador de *Ferdinando*. Quando o protagonista da série encontra o local onde moram esses estranhos animais e resolve levá-los para Brejo Seco, possibilita que os cidadãos da cidade — que vivem em extrema penúria e privação — tenham satisfeitas todas as suas necessidades, libertando-se das amarras do sistema de produção líbero-capitalista. Podiam libertar-se da obrigação de trabalhar para garantir o sustento familiar, pois este seria obtido por intermédio dos Shmoos, que lhes forneciam bens necessários para sobrevivência — ovos, leite e carne — a uma velocidade superior àquela em que podiam consumi-los. Com a disseminação dos Shmoos pelo país, ficou claro que ninguém mais precisaria de dinheiro, pois não haveria necessidade de comprar coisa alguma. Todas as necessidades básicas estariam satisfeitas e todos seriam felizes.

No contexto da história, isso representava uma ameaça inaceitável para o sistema econômico norte-americano, na medida em que propunha um novo tipo de contrato social, sendo devidamente combatido

e exterminado pelos homens de negócio que, desta forma, garantiam seus lucros e a submissão das demais classes sociais. E tudo ficava bem no melhor dos modos possíveis, como dizia Voltaire.

A relação entre a ameaça dos Shmoos no ambiente ficcional e a ameaça socialista no contexto real é facilmente identificada pelos leitores atentos. Esses personagens representavam uma sociedade onde a lei da oferta e da procura seria abolida e todos viveriam como em uma espécie de Éden, livres do egoísmo e da miséria. A história transformava-se, assim, numa grande peça teatral que simbolizavam as delícias de um sistema socioeconômico contrário ao dominante no país, o que acontecia exatamente no momento em que ambos se defrontavam de maneira mais acirrada. E está aí, talvez, a maior ironia e brilhantismo dessa criação quadrinística e de seu autor: por um lado, ele não estava absolutamente preocupado em defender o modelo socialista, mas apenas em realizar seu trabalho como artista e obter seu sustento material; por outro lado, o modelo ideológico que os Shmoos teoricamente defendiam não era tão perfeito assim, como se descobriu depois...

Waldomiro Vergueiro é professor do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA e guardião dos tesouros da gibiteca ecana.